Assim que o sinal do almoço tocou, Adachi levantou-se de sua carteira e saiu da sala de aula cambaleando, deixando para trás seus livros e tudo mais. Eu a

observei partir, me perguntando vagamente se ela estava se sentindo bem. Julgando pelo seu caminhar hesitante, não parecia que ela tinha um destino específico em mente. *Será que tinha algo a ver com nossos planos para o Natal?* Provavelmente. Por isso, decidi não ir atrás dela.

Adachi estava agindo assim desde que apareceu na minha casa para me convidar para passar o Natal juntas. Parecia que sua mente estava ocupada em outro lugar, e suas habilidades motoras grosseiras sofriam como resultado.

Às vezes, no meio da aula, eu a pegava sorrindo para si mesma... e do ponto de vista de um observador externo, era muito estranho. *O que aconteceu com a Adachi fria e distante que eu conhecia? Ela migrou para o sul para passar o inverno?* Por outro lado, acho que "fria e distante" era apenas minha imagem mental dela, não a verdadeira. Considerando que todo mundo gostava de brincar que eu pegava todas as minhas roupas na Shimamura Co., eu sabia como era ter as pessoas tirando conclusões sobre quem você era.

Quando Adachi não voltou para a sala de aula imediatamente, pensei que ela devia ter ido para a loja da escola ou para a cantina. Enquanto ponderava meus próprios planos para o almoço, reparei de repente na Nagafuji, que estava lá sozinha — uma visão rara. Normalmente, a Hino sempre estava ao lado dela... *ou ela estava com a Hino?* Tanto faz.

Nagafuji colocou seus óculos de volta e começou a andar na minha direção. *Cara, ela é alta.* Estou um pouco com inveja.

"Você viu a Hino?"

"Se você não sabe onde ela está, então ninguém sabe."

"Bom ponto," Nagafuji concordou solenemente.

Eu estava brincando, mas não deixa de ser verdade. Comparado com a Nagafuji, o tempo que passei conhecendo a Hino era bastante mínimo.

"Um minuto eu estava limpando meus óculos, e no próximo minuto a Hino simplesmente sumiu," Nagafuji explicou.

Ela sempre falava de forma tão vaga que era difícil saber se estava realmente dizendo a verdade, e você perderia células cerebrais tentando descobrir. Sinceramente, eu estava impressionada com a capacidade da Hino de tolerá-la tanto quanto ela fazia. Acho que a amizade é mais importante do que pequenos aborrecimentos.

"Vocês trouxeram o almoço de casa hoje?" perguntei.

"Não. Vamos comer na cantina."

"Bem, então é provavelmente onde ela está."

"Oh!" Nagafuji aplaudiu como se eu tivesse feito um truque de mágica.

Francamente, havia apenas tantos lugares para onde a Hino poderia ter ido durante o almoço, e se ela tivesse parado para pensar por dois segundos, com certeza poderia ter descoberto isso sozinha. *O cérebro dela estava tão vazio assim?* Se sim, então por que se dar ao trabalho de usar óculos?

Na realidade, Nagafuji sempre tirava notas excelentes em todas as suas provas. Não sei como, mas é isso aí.

"Você também vai?"

"Nah, acho que vou pegar o almoço na loja da escola desta vez. Mas eu vou caminhar com você pelo menos parte do caminho."

Peguei minha carteira na mochila e segui Nagafuji para fora da sala de aula. Era estranho estar só nós duas andando por aí.

Com sua considerável altura, meus olhos eram naturalmente atraídos para ela. Mas enquanto eu inevitavelmente tinha que inclinar a cabeça para cima para olhá-la, ela quase nunca mexia a cabeça. Seu olhar também não mudava muito — ela apenas olhava diretamente para a frente. Com uma visão de túnel assim, eu estava começando a pensar que ela poderia ser atropelada por um carro qualquer dia desses. Mas, por outro lado, ela provavelmente estava segura com a Hino por perto para cuidar dela.

Pensando bem, em que clube ela está mesmo? De alguma forma, eu realmente não conseguia imaginá-la tendo uma conversa funcional com alguém que não fosse a Hino. Até eu não conseguia entender metade do que ela dizia às vezes.

Ah, já sei. Deveria perguntar para a Nagafuji sobre isso. Diferente da Hino, ela talvez realmente me dê uma resposta direta.

"Vocês fazem alguma coisa para o Natal?" Eu não queria jogar toda a responsabilidade de planejamento no colo da Adachi, então imaginei que deveria pensar nisso por conta própria, e estava esperando que Nagafuji pudesse me oferecer uma sugestão útil.

Ela olhou para mim. "Normalmente, nós comemos curry de frango."

Aquela não era exatamente a resposta que eu estava esperando.

"Curry, huh? Interessante." Talvez a Adachi e eu pudéssemos ir a um restaurante de curry... ou fazer nosso próprio curry caseiro juntas... Não, isso

não parece certo. "É só isso? Você não vai a lugar nenhum com a Hino, ou...? Na verdade, sabe de uma coisa, esquece. Não se preocupe com isso," eu disse, recuando rapidamente.

Uma parte de mim só queria que alguém me dissesse que sair com uma garota no Natal era algo normal e comum.

Nagafuji piscou. "Hino? O que tem ela?"

"Não é nada."

"Tem certeza? Hmmm... Hino... Natal... Hino... Natal..." Ela me ignorou e começou a ponderar algo, inclinando a cabeça de um lado para o outro. "Sinto que a Hino está sempre... na minha casa."

"Oh... uh... interessante."

Então ela se endireitou de repente. "Costumávamos nos dar presentes de Natal quando éramos pequenas, agora que você mencionou."

"Presentes? Legal."

Na verdade, parecia uma ideia muito boa... mas eu não estava com vontade de ter uma conversa inteira com a Adachi para planejar nossos presentes. Em vez disso, eu daria a ela um presente sem esperar nada em troca. Minha esperança era que isso nos desse algo para conversar.

Mas o que ela gostaria de ganhar no Natal? Que tipo de coisas ela gostava? A opção óbvia seria perguntar diretamente a ela, mas... isso seria meio sem graça. *Além disso, e se ela pedisse por algum sapato de marca cara?* Eu sabia que ela não era desse tipo, mas mesmo assim.

Descemos as escadas e, no final do corredor, chegamos à loja da escola — uma pequena loja no canto do prédio administrada por uma única senhora de meia-idade. Lá dentro, a iluminação fraca fazia as paredes brancas brilharem levemente amareladas, combinando perfeitamente com as cestas de sanduíches e pãezinhos à venda.

Comparada à da cantina, a fila aqui estava bem curta. Assim que as pessoas à nossa frente pagaram por seus itens, ficamos livres para passar o tempo olhando a variedade de produtos.

"Uau... Eu não sabia que vendiam essas coisas aqui", murmurou Nagafuji, empurrando os óculos para cima do nariz e se inclinando para ler a lista de preços.

"Você nunca comprou nada daqui?"

"Não, acho que não. Normalmente eu trago meu próprio almoço ou como na cantina."

"Entendi."

Pessoalmente, eu era uma cliente regular aqui. Sempre que eu queria fugir da aula no segundo andar do ginásio, eu sempre vinha aqui para pegar o almoço. Como resultado, a senhora da loja me reconhecia. Ela me cumprimentou com um sorriso; eu inclinei a cabeça educadamente. Agora tudo que eu precisava fazer era escolher um pão doce aleatório e dar o dinheiro...

Espera...

"Nagafuji, não estou tentando te impedir de nada, mas..."

"Hmm?"

"Por que você está comprando coisas?" Perguntei enquanto a senhora da loja entregava a Nagafuji um saco plástico para viagem contendo um pacote de leite, um sanduíche de ovo e um pãozinho de feijão vermelho.

Com isso, ela pareceu lembrar de seu plano original de comer na cantina. Seu olhar baixou para a embalagem. "Ah. Verdade." O saquinho balançou com seus movimentos.

"E, a propósito, por que você veio até aqui comigo?"

"Bem, você deveria ter dito algo antes."

Não, você precisa usar seu cérebro. Supondo que você realmente tenha um.

"Eu tenho que ir!" ela gritou, e lá se foi na direção da cantina. Eu chamei ela logo depois disso.

"Ei! Se estiver livre depois da escola, você gostaria de ir às compras comigo?"

Pensei que poderia muito bem convidá-la... uh... porque ela já estava aqui, eu acho. Ela assentiu sem hesitar.

"Claro. O que você vai comprar? Mais comida?"

Nem tudo se trata de comida, sabe. Não que eu fosse contra comprar algo comestível para o presente da Adachi, mas eu realmente não sabia do que ela gostava de comer.

"Eu quero comprar um presente de Natal, mas não sei o que escolher."

Como Nagafuji já tinha trocado presentes pelo menos uma vez na vida, ela já estava muito à frente de mim. Talvez ela soubesse onde procurar. Além disso, ela parecia do tipo que decidiria algo sem pensar demais, e isso estava tudo bem para mim. Caso contrário, se eu tivesse que escolher sozinha, não estava confiante de que conseguiria me decidir a tempo.

"Um presente de Natal? Para quem? Espera... Para mim?!" ela perguntou, animada.

"Não. É para... minha irmã," eu menti, sem nem pensar duas vezes. Eu não queria que ela tivesse ideias estranhas sobre mim e a Adachi.

"Hmm?" Nagafuji inclinou a cabeça, confusa. "Você tem uma irmã?"

"Sim, uma irmã mais nova." *Além de outra que é mais alta que eu.* Mas eu não ia dizer isso em voz alta.

"A Hino também é bem pequena," Nagafuji assentiu, com orgulho.

"Uh... sim... É, ela é." *O que isso tem a ver?*

"Ok, então, nos vemos depois da escola!"

E com isso, Nagafuji seguiu para a cantina enquanto eu retornava para a sala de aula, pensando o tempo todo sobre como inadvertidamente me referi à Adachi como minha irmã. *Isso... provavelmente é estranho, não é?*

"Mas pensando bem..."

Ela me chamou de "onee-chan" uma vez, então... talvez ela seja apenas minha irmãzinha maior.

Sim... é só isso.

***

Olhando para trás, essa foi possivelmente a primeira vez que eu já tinha saído com a Nagafuji sem a Hino estar presente. Ocasionalmente, eu ia pescar com a Hino durante o fim de semana, mas a Nagafuji sempre estava ocupada com atividades do clube ou ajudando no açougue. Ao contrário de nós, ela parecia realmente ter uma vida.

"Você quase esqueceu dos nossos planos, não foi?" perguntei.

"É o que acontece quando esqueço de escrever na minha mão," encolheu os ombros a garota que quase saiu da sala de aula sem mim.

Depois de uma longa caminhada, chegamos ao estacionamento do shopping. Nessas horas, eu realmente estava começando a sentir falta da bicicleta da Adachi. Talvez eu devesse economizar minha mesada e comprar uma bem barata.

"Por que você não aprendeu a andar de bicicleta, Nagafuji?"

"Pra que se eu tenho a Hino?"

"Bom ponto." Acho que faz sentido.

Passamos pela área de fumantes e entramos no prédio. O plano era dar uma volta e pensar em algumas ideias, mas enquanto olhava para o rosto bonito da minha amiga, não pude deixar de me preocupar se ela já havia esquecido pelo que viemos aqui procurar.

"Percebo que é um pouco tarde para perguntar, mas onde está a Hino? Eu meio que achei que ela viria junto."

"Ela disse que estava ocupada... foi isso mesmo" Nagafuji inclinou a cabeça, confusa. Conseguir uma resposta direta dela era como arrancar dentes. Mas, pelo menos, isso confirmou que ela se lembrava de nossos planos tempo o suficiente para perguntar à Hino sobre sua disponibilidade. Interessante. *Então, o que foi que a fez esquecer?*

Ignorando o quiosque de vinhos perto da entrada, seguimos para a esquerda. Lá, Nagafuji avistou a padaria e a encarou extasiada. Sua cabeça inteira pivoteou na direção dela enquanto o restante dela continuava caminhando rapidamente para frente. *Assustador.*

"Você não poderia apenas comprar um doce para ela?"

"Poderia, mas não vou."

Coloquei uma mão em seu ombro e a apressei. Eu precisava levá-la para bem longe dos pãezinhos de batata doce roxa.

Enquanto passávamos pela loja de chás, recordei da última vez que estive aqui. Estava com a Hino, e a Nagafuji também estava lá. Então a Hino gastou mais de 10.000 ienes em uma tonelada de chá "para a família", e eu fiquei tipo, *caramba, garota.*

Deixando essa lembrança feliz para trás na loja de chás, continuamos até a passarela com uma grande e festiva árvore de Natal. Olhar para elas sempre me enchia de nostalgia dos tempos mais alegres.

Quando eu era pequena, sempre me sentia tentada a subir até o topo de qualquer árvore de Natal que visse. Estar lá em cima oferecia uma perspectiva completamente nova do mundo ao meu redor, e eu gostava desse contraste, então eu o procurava sempre que podia. Talvez parte de mim ansiava por viajar para terras distantes. Isso fazia algum sentido — afinal, eu era tão aventureira por natureza que provavelmente parecia totalmente fora do lugar aqui no Japão. Sim... certamente eu devia ter sentido isso na época.

O que foi que me fez desistir desses sonhos de um mundo diferente? Eu não conseguia me lembrar, mas conseguia perceber que deve ter doído. Especialmente considerando que o resultado final foi... bem, eu. Essa versão atual de mim.

Não que eu pudesse fazer algo a respeito agora.

"Então, agora que estamos vagando pelo shopping, qual será nosso primeiro destino?" perguntei a Nagafuji, já que não parecia que ela tinha um destino em mente.

"Vamos ver..." Girando a cabeça dramaticamente, Nagafuji avaliou todas as vitrines próximas. "Talvez ela queira um bumerangue."

"...O quê?" O que você é, australiana?

...Espera, eles vendem bumerangues aqui? Onde? Com os eletrodomésticos de verão, ou no quiosque de celulares?

"As crianças adoram, sabe. São muito divertidos. Mas quebram facilmente no inverno."

"Ah... certo."

Eu tinha esquecido que estava usando minha irmãzinha como pretexto. No caso dela, talvez ela realmente quisesse um bumerangue. *Mas qual era o ponto de dar um para a Adachi? E se ela começasse a jogá-lo nos pássaros por diversão?*

"Acho que ela gostaria de algo um pouco mais prático. Ela, hm... ela é muito madura para a idade dela."

"Algo mais prático?" Nagafuji repetiu para si mesma.

Pensando bem, essa era a mesma pessoa cuja primeira sugestão de presente era um maldito bumerangue, então talvez a palavra "prático" simplesmente não estivesse em seu vocabulário.

"E se você comprasse um pacote com dez croquetes da nossa loja?"

"Puxa, por que não pensei nisso? Você é uma ótima vendedora."

Indiscutivelmente, era um presente prático, mas eles estariam frios até eu chegar em casa... uh... entre outros problemas.

“Hmmm…”

Coçando a cabeça, Nagafuji começou a andar novamente. Da mesma forma, eu a segui ao seu lado. *Cara, eu escolhi a pessoa errada para perguntar.*

Então ela avistou uma loja vendendo equipamentos de cozinha, e seus olhos se fixaram em uma tábua de corte em formato de peixe. "Que tal uma vara de pesca?" ela sugeriu, quase certamente inspirada pelas imagens de peixes.

"Isto é para minha irmã, não para a Hino."

Em seguida, seu olhar vagou para a esquerda, em direção à vitrine em um quiosque de confeitaria popular. "Que tal alguns wafers okiagari?"

"Acho que esses são mais uma tradição de Ano Novo, não acha?"

“Bom ponto.” Ela prontamente descartou sua própria sugestão e continuou andando. Em seguida, avistamos uma lavanderia e um spa para os pés com um mascote de urso desenhado. "Que tal uma máquina de lavar roupa?"

Espere um minuto. "Você está simplesmente sugerindo tudo o que vê?!"

"Sim," Nagafuji assentiu sem hesitação. Então ela ajustou os óculos como se dissesse que nada escapa a esses olhos. "Você sabe o que dizem — *jogar lama suficiente na parede, blá blá blá*. Se eu falar um monte de coisas em voz alta, talvez você tenha uma epifania, ou podemos desenvolver nossas ideias até chegarmos a algo viável. Você sabe, como... como é que chama mesmo? Tempestade de ideias?"

Você me pegou no começo, não vou mentir.

Eu podia perceber que ela estava realmente fazendo o melhor que podia para ajudar, mas, sinceramente, não conseguia imaginar que ela realmente parasse para pensar criticamente sobre suas próprias sugestões. Em vez disso, eu tinha 100% de certeza de que ela acabaria esquecendo o que sugeriu inicialmente. Como uma piada de comédia, mas na vida real.

"O que você e a Hino se deram daquela vez?"

Pensando bem, provavelmente deveria ter começado com essa pergunta.

"Eu dei a ela uma licença comercial."

Eu pausei. De repente, eu tinha tantas perguntas: *Para quê? Para onde?* Infelizmente, eu sabia que se tentasse fazer todas elas, só me desgastaria.

"...Ok, e o que ela te deu?"

"Um Prêmio Nobel da Paz."

"...E você tinha quantos anos na época, exatamente?"

"Tipo, cinco?"

Eu nunca deveria ter perguntado. Claramente, a amizade delas estava além de toda compreensão humana.

Continuamos andando pelo primeiro andar do shopping, com Nagafuji dando várias ideias de presente à medida que surgiam, até que ela parou abruptamente em frente a uma loja em particular: ZiZé, uma boutique que vendia roupas, sapatos e acessórios. Eu a observei brevemente, ponderando seus méritos potenciais, mas no final decidi não entrar — era um pouco demais. De fato, o Natal era uma ocasião especial, mas isso deveria ser um presente casual para uma amiga. Eu precisava que fosse algo que Adachi não se sentisse culpada por eu comprar.

Enquanto eu explicava meu raciocínio para Nagafuji, ela concordava com a cabeça, embora eu sentisse que ela não entendia realmente o que eu estava tentando dizer.
Então ela começou a olhar ao redor. *Lá vem... A qualquer momento...*

"Talvez você devesse ir com o bumerangue mesmo."

E lá está.

"Estamos voltando para isso, né?"

Entendeu? Como um... esquece.

"Bumerangue, bumerangue!" Nagafuji cantarolava para si mesma, fazendo um gesto de arremesso com o pulso.

"Estou começando a achar que talvez você queira um bumerangue."

"Não está errada."

Ela deu um tapinha em seu amplo peito. *Ai, não esfregue isso na minha cara.*

"Não se preocupe. Eu entendo muito bem como as crianças funcionam."

"Infelizmente, se ao menos elas também pudessem entender você."

"Claro que podem! Eu sou uma criança de coração — peço meu curry suave e tudo mais."

"Só porque você não aguenta nada mais picante!"

"Boooomerang!" ela retrucou, sem sentido algum, balançando os braços e os quadris. Sua expressão ainda estava tão vazia quanto sempre, mas pelo menos ela estava se divertindo. "Se você comprasse um bumerangue para ela, vocês duas poderiam brincar juntas, sabia?"

"Isso é verdade... eu acho..."

Eu tentei imaginar: eu e Adachi no parque, jogando um bumerangue em silêncio total. De certa forma, parecia levemente divertido.

"Uma pessoa joga, e a outra pode ir buscar! Entende?"

"Acho que você está pensando em um Frisbee."

"Vamos só experimentar, tudo bem? Eu vou comprar este aqui, e depois eu te mostro como é divertido brincar com ele."

"Você está fazendo bico de vendedor de bumerangue ou algo do tipo...?"

Entusiasmada, Nagafuji me pegou pela mão e seguiu em direção às escadas rolantes.

Enquanto isso, eu estava completamente à mercê dela. Francamente, eu não estava convencida de que esse shopping vendia bumerangues de verdade, mas então ela me levou a uma loja de artigos esportivos no terceiro andar, e lá estavam eles. Ela entrou, pegou um da prateleira, depois foi até o caixa e comprou, tudo sem a menor hesitação.

Há quanto tempo ela estava de olho nisso?

O bumerangue era em forma de V (sem surpresa), de cor verde-amarelada e feito de plástico. Eu podia sentir o olhar do balconista masculino sobre nós. *O quê, você nunca viu duas adolescentes entrarem para comprar um bumerangue e mais nada?* Mas eu estimava que uns quarenta por cento — não, sessenta por cento? — desse olhar estava centrado nos peitos da Nagafuji.

Normalmente, ela era bastante alheia à maioria das coisas, mas não a isso, aparentemente. Eu conseguia perceber porque ela estava franzindo levemente o cenho. Coitadinha. Mais peito, mais problemas. Não que eu pudesse dizer

alguma coisa... pelo menos ainda não. *Eu sou apenas uma flor tardia, só isso!* Enquanto eu acariciava meu próprio ego frágil, a transação foi concluída, e Nagafuji pegou seu precioso bumerangue.

No momento em que saímos da loja, ela tirou seu novo brinquedo da sacola. *Você não vai andar pelo shopping segurando essa coisa, vai? Ai, que agonia...*

"Agora vamos testá-lo!"

"Olha, eu acho que talvez você esteja se empolgando demais com essa ideia..."

Mas Nagafuji ignorou minhas ressalvas e me arrastou mesmo assim. No começo, tentei resistir, mas depois vi o quão animada ela estava para brincar com esse bumerangue e... bem... concedi a derrota. Em mais de um sentido. Às vezes você pode lutar contra a correnteza, mas em outras só precisa ir com o fluxo. Considerando que Nagafuji conseguiu me levar para o mar sozinha, talvez ela fosse uma força a ser reconhecida.

Caminhamos pelo estacionamento até uma praça que tinha uma fonte nos fundos do restaurante de tigelas de carne nas proximidades. Não havia crianças à vista, possivelmente porque a combinação de inverno mais água as havia mantido afastadas. No entanto, havia algum tipo de instalação de arte(?) com três fios de prata espiralando-se entre si.

Felizmente, as árvores aqui eram poucas e espaçadas, o que era perfeito para nossos propósitos. Caso contrário, eu já conseguia imaginar o bumerangue ficando preso ou quebrado de alguma forma.

Nagafuji me entregou sua mochila e se preparou para lançar — não horizontalmente, mas verticalmente, com a maior parte apontada para trás, como se estivesse tentando tocar a outra extremidade no dorso de seu pulso. Então ela mirou e lançou com força para a distância com um som de zumbido.

O bumerangue deslizou suavemente até a outra extremidade da praça, quase como se fosse carregado pelo próprio vento. Quando alcançou sua máxima distância, ele se nivelou horizontalmente. Então começou sua jornada de volta para casa, e nesse ponto, tanto meus olhos quanto meus ouvidos estavam completamente fascinados.

Quando Nagafuji o lançou pela primeira vez, mal houve som... mas à medida que se aproximava, lentamente mas com firmeza, comecei a distinguir um pequeno som desarrítmico enquanto cortava o ar: *fuuu, fuuu, fuuu*. Ele se aproximava cada vez mais, traçando um arco gracioso enquanto voava.

Em resposta, Nagafuji se agachou e estendeu as mãos. Assim que estava ao alcance dela, ela bateu as mãos juntas para pegá-lo, como um artista marcial

bloqueando uma espada. Acariciando o bumerangue como um cachorro fiel, ela se endireitou e voltou para mim casualmente.

“Esse voltou. Isso significa que é bom.”

“Não voltam todos os bumerangues? Não é esse o objetivo?”

“Você ficaria surpresa. Existem alguns bem ruins por aí. De qualquer forma, aqui está.”

Ela me entregou o bumerangue em troca da mochila. Olhei para o V verde de plástico em minhas mãos. *Caramba, o que estou fazendo?* Deveria estar fazendo compras de Natal agora.

“Primeiro, não jogue com muita força. Especialmente porque você não está usando óculos de proteção.”

“Não se preocupe. Eu não estava planejando isso.”

Posicionei-me da mesma forma que Nagafuji tinha feito e então o lancei suavemente, de acordo com suas instruções. No entanto, ele voou longe, curvou-se e voltou na minha direção. Eu não tinha antecipado isso, então quando começou a se aproximar, meu medo de ser atingida aflorou.

“Aii!”

Protegendo minha cabeça com os braços, agachei-me no chão. O bumerangue voou longe atrás de mim e caiu no limite do parque. Caminhei até lá para

recuperá-lo, tirei a sujeira e voltei. Agora que sabia o que esperar, estava pronta para tentar de novo, então o lancei novamente.

Mais uma vez, apesar do meu arremesso fraco, ele voou surpreendentemente longe. Depois de sua breve excursão, ele curvou de volta de forma bastante repentina, quase como se tivesse mudado de direção por capricho. *Whfff, whfff, whfff*. Meu coração batia no ritmo de um zumbido suave.

Desta vez, estendi a mão para pegá-lo, mas ele bateu na minha mão e caiu no chão. Aparentemente, tanto arremessar quanto pegar requeriam muita prática para dominar.

“Isto... até que é divertido…”

Surpreendentemente, eu gostei de ver ele curvar graciosamente pelo ar. Ainda assim, eu queria pegá-lo com sucesso pelo menos uma vez, então o arremessei uma terceira vez, muito mais suavemente do que minhas tentativas anteriores. Mas embora o tenha angulado mais em direção ao céu, ele se recusou a ganhar muita altura. E enquanto as últimas vezes ele havia voltado rapidamente, desta vez ele perdeu seu impulso e atingiu o chão. Evidentemente, o ângulo do arremesso era mais importante do que eu imaginava.

Assim, eu fiquei deslumbrada.

“E então, o que achou?” Nagafuji perguntou, colocando uma mão no meu ombro. Eu não tinha percebido que ela estava ali até agora.

“Na verdade, não é tão ruim quanto eu pensava.”

“Yay,” ela respondeu com uma voz monótona enquanto envolvia os braços em volta de mim em um abraço. Eu coloquei uma mão em seu queixo e a empurrei para longe.

Enquanto isso, eu contemplava esse possível presente de Natal. Comparado a um presente de comida, que só duraria até ser comido, esse tipo de brinquedo poderia ter mais valor prático, já que ela poderia brincar com ele sempre que quisesse. Dito isso, ainda não me parecia completamente... ideal. Parecia que eu estava no caminho errado — como se Nagafuji tivesse me levado ao erro… quase isso.

No horizonte, o sol estava se pondo, e os raios escarlates estavam lentamente difundindo sua cor pelo céu limpo e sem nuvens. Pela primeira vez em muito tempo, parecia que eu havia me reunido com minha criança interior. Cada vez que o bumerangue voava para fora, ele retornava com outra memória esquecida de todos aqueles anos atrás.

Impulsionada por essa nostalgia, eu segurei o bumerangue e o deixei voar... enquanto esperava que ele me levasse junto na jornada.

***

Quando cheguei em casa, abri a sacola de compras e mostrei para minha irmã mais nova o novo bumerangue. "O que você acha?"

Ela piscou para mim com seus grandes olhos redondos. "O que é isso?"

Nenhuma empolgação. Comecei a pensar que talvez essa não fosse uma boa ideia no final das contas. "Me diga você," respondi. Então comecei a cantarolar a música principal de um popular programa de perguntas e respostas, implicando que o tempo dela para responder estava limitado.

Ela colocou uma mão no queixo, contemplativa. Depois de examinar o brinquedo misterioso de todos os ângulos, ela estendeu a mão e fingiu "apertar o botão".

"Bing-bong! É... um cabide sem a parte do gancho!"

Bem... você não está errada.

Agora eu realmente estava começando a pensar que isso foi uma má ideia.

***

O tempo voou, e o dia de Natal chegou finalmente. Naquele dia, me peguei olhando para o céu.

As pessoas adoravam falar sobre um "Natal branco", mas na minha experiência, nunca nevava no dia 25 de dezembro. *De que adiantavam essas festas criadas pelo homem se o clima não ia cooperar? Para que se preocupar?*

Mas apesar do meu ceticismo, eu sabia muito bem que de fato iria me preocupar. Pela manhã, me vesti, arrumei minha franja pelo menos duas vezes, e então, por volta das 11h, fui até a cozinha e disse para minha mãe que ia sair. Lá, encontrei minha irmã almoçando.

"Vou sair por um tempo."

"Tudo bem, obrigada por me avisar... Tem um encontro ou algo assim?"

"Pela milésima vez, não." Quantas vezes você vai me perguntar isso, mãe?

"Aonde você vai?" minha irmã perguntou, virando a cabeça de um lado para o outro enquanto olhava para mim e depois pra nossa mãe, mastigando sua comida. *Se acalme, criança.*

"Vou sair para encontrar uma amiga."

"Não!" ela gemeu. Então levantou-se da mesa e veio até mim.

"Você vai jantar com a gente, não vai?" minha mãe perguntou.

"Essa é a ideia," eu assenti. "Se eu mudar de ideia, vou te avisar imediatamente, mas acho que isso não vai acontecer."

Enquanto isso, minha irmãzinha mimada começou a chutar minha canela. "Para onde vocês vão? Por que você tem que sair?!"

Fora dessa casa, ela sempre era um anjinho perfeito, mas quando se tratava de mim, não mostrava misericórdia. Eu a acertei na testa e a encarei. Ela fez beicinho para mim. *Oho.*

"Qual é o problema? Você quer que sua irmãzinha fique em casa com você?" Eu provoquei com um sorriso.

Ela agitou os braços diante de si mesma como se estivesse limpando o ar. "Cala a boca!" ela gritou com raiva.

"Você gosta, é?" Eu respondi, ignorando-a.

Então eu deslizei minhas mãos sob suas axilas e a levantei no ar. *Cara, ela ficou pesada.* Ou talvez seja só por conta da agitação.

"Não sabia que você gostava tanto de mim. Que fofo", continuei.

"Me solta!" ela gritou, chutando com seus pequenos pés descalços. Eu não sabia como ela poderia sobreviver nesta casa sem meias, mas boa sorte.

Desculpe, garota, mas tenho minha própria vida para viver.

"Estarei de volta antes do jantar, e então vamos comer bolo de sobremesa, tudo bem?"

Enquanto a colocava no chão, ela virou-se emburrada. Talvez estivesse brava comigo por tratá-la como uma criança, mas considerando que ela literalmente era uma criança, não havia muito que eu pudesse fazer sobre isso. Dei um tapinha rápido em sua cabeça e segui em direção à porta.

Dada sua habitual atitude mimada, foi bom ser lembrada de que ela ainda admirava sua irmã mais velha. *Será que isso duraria?* Provavelmente não. Dou mais uns três ou quatro anos.

Mesmo assim, eu apreciei esse breve ânimo antes de sair. Foi como colocar um aquecedor de mãos bem em cima do meu coração para me manter aquecida durante o inverno frio. Eu calcei meus sapatos e dei um suspiro.

Ainda não sabia quais eram nossos planos para hoje. *O que Adachi tinha planejado para nós? Ela realmente inventou algo, né?* Pensando bem, ela tinha a tendência de pensar demais nas coisas... *Ela não teve nenhuma ideia estranha, teve?*

Após uma reflexão mais aprofundada, a última opção estava parecendo cada vez mais provável.

"Vou ter que improvisar."

Pelo menos, eu estava planejando jantar em casa, então tinha uma ideia do que não deveria escolher para o almoço. Era toda a informação com a qual eu tinha para trabalhar.

Natal, aqui vou eu.